

**DISCURSO DE POSSE DO RABINO NILTON BONDER  
NA ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS  
CADEIRA NÚMERO 8  
(24/08/2022)**

Patrono: Justiniano José da Rocha

Antecessores:

Raul Pederneiras

L. F. Vieira Souto

J. C. de Melo e Sousa (Malba Taham)

Joaquim Inojosa

Paschoal Villaboim Filho

Murilo Melo Filho

Ilustríssimos Presidente da Academia Carioca de Letras – SERGIO FONTA e nosso Vice-Presidente – ADRIANO ESPÍNOLA.

Ao querido Presidente de Honra da ACL e meu paraninfo – RICARDO CRAVO ALBIN.

Queridos e eminentes confreriras e confrades... já de início esta convenção designativa é um desafio ao neófito. Começa com a descoberta de que a palavra confrade tem, efetivamente, feminino. Ela aparece originalmente na língua portuguesa como, “confrada”, datada de 1348, mas que entretanto, caiu em desuso. As outras hipóteses apontadas para este feminino são:

1. confrreira, associado a freira, feminino de freire (do francês antigo “frere”) – que se abrevia frei. Existindo também o masculino confrere, referido no Grande Dicionário da Língua Portuguesa de José Pedro Machado, e também

2. consóror, por analogia com sóror (soeur) – (do latim “soror”, irmã). No caso, o termo latino para designar irmão é “frater” que deu origem a frade e a confrade. Se quisermos seguir algum rigor na equivalência, poderemos dizer que o feminino correspondente à confrade é consóror, mas o termo freira prevalece como o feminino equivalente ao masculino frade, talvez porque tanto freire (frere) como sóror não sejam muito utilizados em nossa língua.<sup>1</sup> Eu proporia, em nossos tempos, imaginar que se utilizasse o termo confrer@es com um “e” tipografado como o do arroba utilizado na informática. Convenção esta que tem sido utilizada para conferir indeterminação ao gênero! Tal como “todes” se torna ainda mais inclusivo que o já tão abrangente pronome “todos”. Então, me refiro a todes vocês nesse momento pelo designativo confrer©(e)s.

Sou tomado por um sentimento de alegria e honra ao ser empossado como ocupante da cadeira número 08 da Academia Carioca de Letras, por tudo que significa esta instituição e o que seus membros agregaram em sentido e valor no decorrer de quase um século.

O tempo impõe também reverência ao aspecto existencial que se revela nas biografias e obras daqueles que partilharam desta confraria. Afeito ao respeito ancestral, me sinto à vontade diante de ambos: rito e deferência.

Compartilho com os presentes nesse instante, fragmentos da história desta cadeira número 8, para evocar a emoção das construções e da memória deixada por meus antecessores.

Inicialmente invoco a figura do **Patrono da cadeira 8**, o jornalista, advogado, professor, escritor e político do Segundo Império, **Justianiano José da Rocha**, que diplomado pela escola de direito de SP, foi deputado por dois mandatos entre 1843-56, sendo considerado como inaugurador da prosa ficcional do romantismo no Brasil.

Foi tradutor de grandes obras do francês, como o Conde de Monte Cristo (1845), de Alexandre Dumas e “Os Miseráveis” (1862), de Victor Hugo. Foi redator do jornal “Correio Oficial” e fundou os periódicos “O Atalante”, “O Cronista” – que se opunha ao Regente Feijó –, também “O Brasil” do Partido Conservador, “Correio do Brasil” e o diário “O Constitucional”. Foi por sua influência que a imprensa do Brasil conheceu um crescimento até então não visto no período regencial

Seu sucessor, **Raul Paranhos Pederneiras**, nascido em 1874, falecido em 1953, foi um dos grandes caricaturistas de seu tempo, sendo ilustrador, teatrólogo, compositor e escritor. Pertencente à Belle époque carioca, foi fundador da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT) e um dos fundadores do Grêmio Carioca, instituição que agia politicamente na promoção e defesa da memória da cidade do Rio de Janeiro.

No seu trabalho como caricaturista se destacam as “Cenas da Vida Carioca”, sátiras aos usos e costumes da classe média carioca, e que teve papel importante para remontar o imaginário carioca e brasileiro do início do século XX. Raul colaborou com a “Revista da Semana” do Jornal do Brasil por meio de desenhos e poemas, entre os quais se destaca a série sobre a Revolta da Vacina.

O motim popular ocorrido entre 10 e 16 de novembro de 1904 na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil, é experiência com a qual nossa geração, certamente, pode se identificar. O motim teve como pretexto inicial se rebelar contra uma lei que determinava a obrigatoriedade da vacinação contra a varíola, mas também é associada a causas mais profundas, como as reformas urbanas que estavam sendo realizadas pelo prefeito Pereira Passos e as campanhas de saneamento lideradas pelo médico Oswaldo Cruz.

Importante frisar que o então presidente Rodrigues Alves, não menosprezou a pandemia de então, e agiu criando o Instituto Butantã e a Faculdade de Medicina de São Paulo para combater a varíola, a febre amarela e a peste bubônica. O presidente da República Rodrigues Alves (1848-1919), infelizmente — morreu, em 1919, de gripe espanhola. Foi o primeiro político brasileiro a ser eleito presidente duas vezes, em 1902 e 1918. Mas não assumiu o segundo mandato.

O confrere seguinte a ocupar a cadeira 8, foi **Luiz Rafael Vieira Souto** (1849 -1922). Engenheiro e líder industrialista fluminense, foi diretor da comissão para a construção do porto do Rio de Janeiro e diretor-geral da prefeitura da cidade. Foi catedrático de engenharia civil e professor-substituto de economia política da Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Foi também presidente do Jockey Club do Rio de Janeiro.

Seu nome se tornou popularmente conhecido quando, no ano de 1937, a rua margeando a praia do bairro de Ipanema, foi renomeada em sua homenagem. O bairro, cujo nome tupi, admite três interpretações semânticas: “água ruim”, “rio sem peixes” ou “lagoa fedorenta” traz lembranças a mim, morador na infância desde o ano de 64 no Jardim de Alah, onde como um nativo, conheci a recorrente mortandade de peixes, quem sabe, responsável pela má reputação aquática da região.

Outro incidente chama atenção, e tangencia a minha vida neste capítulo novo da cadeira número 8. Ao renomear-se a avenida como Vieira Souto, foram inaugurados também os novos postes de iluminação que geraram alvoroço por amanheceram pichados com o Sigma, o principal símbolo dos integralistas. Pouco antes da declaração do Estado Novo, com o crescente movimento fascista em nosso país, estimulado pelo então presidente Vargas, mas também pela AIB, Ação Integralista Brasileira, dos temerários camisas verdes, apelidados jocosamente pelo povo de periquitos e papagaios. Similaridades históricas. Poucos dias depois, Vargas declarava o Estado Novo e extinguiu os partidos políticos e estabeleceu uma ditadura com culto à sua personalidade –características próprias ao fascismo.

A Vieira Souto sucedeu o confrere **Julio Cesar de Mello e Souza**.

E novamente a cadeira 8 tangencia a minha vida pessoal, particularmente com a minha infância, leitor que fui de Malba Tahan, pseudônimo adotado por Julio Cesar em sua carreira literária.

Julio Cesar escreveu ao longo de sua vida cerca de 120 livros (sendo 69 de contos e 51 de matemática recreativa, didática da matemática, história da matemática e ficção infanto-juvenil). Os livros assinados apenas como **Malba Tahan**, trazem fábulas e lendas passadas no Oriente, à maneira dos contos de Mil e Uma Noites.

Julio César criou o “famoso escritor árabe” Malba Tahan por acreditar que um escritor brasileiro não chamaria atenção escrevendo contos árabes. Para dar mais verossimilhança à história criou também um tradutor para os livros, o Professor Breno Alencar Bianco.

Em entrevista concedida a Monteiro Lobato ele relata:

Queria um pseudônimo que se conformasse bem com o caráter dos trabalhos que pretendia escrever... Seria um árabe. - Por quê? - O árabe é homem que faz poesia a propósito de tudo. Suas atitudes sempre são romanescas. E Não compreende a vida sem a poesia. “

Em homenagem a Malba Tahan, o dia de seu nascimento – 6 de maio – foi decretado como o Dia do matemático (ou Dia da matemática) pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro.[4]

Curiosamente seu O Homem que Calculava: “Aventuras de um singular calculista persa” ocupou meu imaginário infantil e me faz sentir um tanto de “coincidência” ao estar atrelado a esta corrente histórica da cadeira 8.

Não imaginava eu aos 10 ou 11 anos, sentando na mesma cadeira do Mestre.

E curiosamente, identifico semelhanças em minha obra literária seja pelo fascínio por parábolas e contos que recorrentemente evoco da tradição talmúdica e chassídica em meus livros, e talvez atrelando a minha obra também um pseudônimo fabuloso e exótico.... o de Rabino ... Rabino Nilton Bonder.

Numa nova passagem a Cadeira 8 foi então ocupada pelo jornalista, poeta e crítico pernambucano, **Joaquim Inojosa** (1901-1987), que foi responsável por divulgar em Pernambuco as inovações estéticas do modernismo paulista. Sua obra “A Arte Moderna”, publicada em 1924, repercutiu na imprensa e dividiu opiniões entre os que endossavam as ideias modernistas e os que defendiam uma literatura regionalista.

Em 1922, vai a São Paulo e é apresentado a todo o grupo literário envolvido na Semana de Arte Moderna, e em particular a Oswald de Andrade.

Radicou-se no RJ em 1930, seguindo os passos de seu mestre Assis Chateaubriand. Com grande capacidade dialética se firmou como um jornalista acre e satírico. Através de seu estilo agressivo e contundente se saiu muito bem em vários enteveros literários em que se meteu. Sabia, segundo descrito em artigo sobre ele, “sabia ser macio e brando, embora sabendo ferir na jugular, para esgotar as forças do oponente.”

Sua maestria com a pena é assim descrita:

“É conhecida a história da matrona espartana cujo filho, no aprendizado das armas, queixava-se de ser curta a sua espada. “Dá um passo à frente e ela será longa”, insinuou a mãe. Joaquim Inojosa, em suas polêmicas, sempre lutou um passo à frente, de sorte que sua pena, se tornou uma espada longa com que soube certamente atingir os seus adversários. “

E aqui novas intercessões pessoais, já que sua argúcia chama à memória o poeta medieval judeu espanhol Al Harizi, sobre quem me debrucei em meus estudos literários. Este, nascido na cidade de Toledo, em meados do século XII, partilhava de uma pena corrosiva e mordente, capaz de impiedosamente ferir a muitos de seus contendores.

Importante lembrar de Joaquim Inojosa particularmente, ao comemorarmos o centenário da Semana de Arte de 22 e do Manifesto Modernista, sendo ele uma referência para a A Arte Moderna no Brasil e também para o Modernismo no Rio de Janeiro.

**Paschoal Villaboim** Filho foi o próximo empossado na cadeira 8.

Decano do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas, foi Diretor da Faculdade de Engenharia da UERJ de 1966 a 1976.

Matemático, prosador e poeta, professor titular da UERJ e da Univ. Santa Úrsula, e professor titular da antiga Escola de Aeronáutica do lendário Campo dos Afonsos, conferencista da

antiga Escola Técnica do Exército, hoje IME (Instituto Militar de Engenharia), e professor titular da Faculdade de Comunicação Hélio Alonso.

Nasceu aqui no antigo Distrito Federal, no bairro da Tijuca, filho do engenheiro Paschoal Villaboim. Foi autor do Livro "Canudos", que recebeu o Prêmio Olavo Bilac de 1969 na Academia Brasileira de Letras.

E também com ele me identifico dada a minha formação acadêmica na Engenharia e nas delicadas e frágeis capilaridades que conectam o mundo objetivo e subjetivo, tal como os hemisférios direito e esquerdo de nossa cognição.

Chego, então, ao meu antecessor, o notável e insigne **jornalista Murilo Mello Filho**, recebido numa tarde como esta, aqui nesta casa, no dia 9 de junho de 1999.

Primogênito de uma irmandade de sete, nasceu em Natal e já aos 12 anos trabalhava no "Diário de Natal" escrevendo comentários esportivos.

Mudou-se para o RJ e trabalhou na "Tribuna da Imprensa" com Carlos Lacerda e no "Jornal do Comércio", com Assis Chateaubriand; no "Estado de São Paulo" com Prudente de Moraes Neto; e na "Manchete" com Adolpho Bloch.

Foi responsável na Manchete por 40 anos da seção "Posto de Escuta" e apresentou e dirigiu com Boni (José Bonifácio de Oliveira Sobrinho) e Walter Clark o programa político, "Congresso em Revista" por sete anos.

Escreveu o livro "Reportagens que Abalaram o Brasil" juntamente com Carlos Lacerda, David Nasser, Otto Lara Resende, Samuel Wainer e Darwin Brandão, entre outros". E "Augusto dos Anjos - A saga de um Poeta", com Gilberto Freyre, Josué Montello, José Lins do Rego, Antônio Houaiss e Eduardo Portella, entre outros.

Seu "Desafio Brasileiro" foi best seller, sendo agraciado com o prêmio Alfred Jurzy-kowski da Academia Brasileira de Letras, como o Melhor ensaio do ano.

Escreveu também "O Modelo Brasileiro", com prefácio do ex-Ministro Mario Henrique Simonsen e grangeou o prêmio Juca Pato, da Associação Paulista de Escritores.

E editou o livro "Crônica Política do Rio de Janeiro", na companhia dos jornalistas: Barbosa Lima Sobrinho, Villas-Boas-Corrêa e Marcio Alves pela Fundação Getúlio Vargas.

Lançou, "Testemunho Político", com prefácio do presidente e acadêmico José Sarney, e apresentações dos acadêmicos Arnaldo Niskier e Carlos Heitor Cony.

Em missões jornalísticas acompanhou os presidentes Juscelino Kubitschek a Portugal, Jânio Quadros a Cuba, Joao Goulart aos Estados Unidos, Ernesto Geisel a Inglaterra e França, e José Sarney a Portugal e Estados Unidos além de cobrir a Guerra do Vietnã, sendo o primeiro jornalista brasileiro a cobrir a Guerra do Camboja.

Em entrevistas esteve com os maiores líderes de seu tempo, a nomear os presidentes Eisenhower, Kennedy, Nixon e Regan, 1a Ministra Thatcher, Nasser e Anuar-el-Sadat no Cairo, Ben Gurion, Golda Meir, Moshe Dayan, Itschak Rabin, Shimon Peres e Albert Sabin em Jerusalém. Indira Gandhi em Delhi, Fidel Castro e Che Ghevara em Havana; Peron, Evita,

Menen em B.A, entre outros. Ocupou a cadeira 19 da Academia Norte-Riograndense de Letras e a cadeira 20 da Academia Brasileira de Letras.

E para com ele e a esta cadeira 8, nutro um sentimento pessoal de relação, uma vez que já estivemos juntos em algumas ocasiões na sala de Adolpho Bloch – eu na condição de um recém-chegado rabino na cidade do Rio de Janeiro. Lembro também dos famosos almoços que aconteciam na sede da Manchete, com a presença de autoridades e celebridades de todo o país.

Poderosa essa cadeira 08, só carece ela de um empossado feminino.

E depois destes gigantes, cá estou eu, humilde e despojado, entrelaçando minha vida e obra com esta cadeira.

Ímpar esse momento de poder juntar tanto a minha identidade brasileira – entranhada na experiência visceral da vida, seja nesta natureza que me é habitat ou nesta língua que me é mater – como também a ancestralidade e a tradição milenar de minhas raízes.

Minha vida, em muito, foi dedicada a fazer pontes. Razão pela qual recebi uma segunda ordenação rabínica do celebrado rabino Zalman Schachter, que me nomeou no diploma conferido, ao invés do sobrenome Bonder, “Bone haDor” – jogo de palavras em hebraico que significa, “construtor de gerações”.

Essas pontes, portanto, não estão no ofício de engenheiro onde comecei minha formação, mas no território da cultura e do humanismo. Pontes entre o passado e o presente, tendo como prumo as palavras do aclamado rabino e educador, Rav Kook que conclamava que se aprendesse a “Renovar o Antigo e Sacralizar o Novo”.

Trabalho também de estabelecer pontes entre cultura, ciência e religião, os três grandes pesos e contrapesos da civilização – sendo estes os campos da humanidade que se auditam mutuamente, manifestando a utopia de construir um futuro que nos represente a todes como humanos.

Apresento-me aqui na condição de escritor, dramaturgo, articulista, palestrante e promotor de cultura, mas também na competência de docente, de formador, de conselheiro em adversidades, de perito em tradições, liturgia e linguística, todos estes campos que se nutrem propriamente de minha erudição rabínica.

A tal tradição do Povo do livro, que conferiu há mais de 3300 anos, ao pergaminho e à palavra a incumbência de representar a consciência, a ética e a civilização; e foi a mesma tradição que estabeleceu academias, conhecidas como Yeshivot, há cerca de 2500 anos, onde ali confrades – à época apenas confrades – reverenciavam a palavra e o saber. Pois há 1800 anos as academias de Sura e Pumbedita, no atual Iraque, foram responsáveis pela elaboração da gigante e enciclopédica obra literária e jurídica que compreende o Talmude. Academias nas quais se respeitava a corrente de sábios que também revezavam cadeiras, de geração em geração.

Entre as inúmeras histórias sapienciais uma se apresenta ímpar neste momento de assumir a cadeira número 8 desta douta e formidável instituição. A história relata sobre vários sábios que, sentados no chão, discutiam as leis e se engajavam em divergências. E num dado canto da sala estava ali um singelo banquinho, baixo, não mais do que um palmo de altura. E a cada

sábio de relevo e erudição que adentrava a sala, o tal banquinho era oferecido e, um após o outro, todos se o recusavam. Sabiam eles que a toxicidade da soberba e da altivez, corrompe e desvirtua inexoravelmente o saber.

O que pode mediar esse temor e também atenuá-lo, encontramos nas palavras humanas e verdadeiras do mestre Fernando Pessoa, que, em sua poesia intitulada A TABACARIA, afirma:

“Eu não sou nada e nunca serei nada... mais a parte a isso, tenho todos os sonhos do mundo!”

E assim, a cadeira 8 não a assumo como um troféu, mas como um desafio de construção e um compromisso.

Sentar, implica, portanto, honrar o que diziam os sábios da Ética dos Ancestrais, compilação de cerca de dois milênios:

Yossi ben Yoézer, disse: Que a tua casa seja um local de reunião para os Sábios; sente-se no pó aos pés deles; e beba, sedento, as suas palavras.

Assim como Yehoshua disse: Estabeleça para ti um mestre; adquira para ti um companheiro de estudo, e julgue cada pessoa favoravelmente.

Ou como Shimon, disse: Todos os dias de minha vida fui criado entre os Sábios e não encontrei nada que fosse melhor para a pessoa que o silêncio; não é o estudo que é o principal, e sim a prática; e todo aquele que fala demais traz [favorece] o equívoco.

E Raban Gamliel costumava dizer: um ignorante não pode temer o pecado; uma pessoa sem instrução não consegue ser escrupulosamente piedosa; a pessoa tímida não consegue aprender; a pessoa impaciente não consegue ensinar; qualquer um excessivamente ocupado com os negócios não pode tornar-se um erudito; e num local onde não haja líderes, esforce-se para ser o líder.

Considerado assim o risco da arrogância ao sentar nesta cadeira, vem uma segunda preocupação que é sua condição vitalícia.

Nada é mais mortal do que a pretensa “imortalidade” seja do renome e ou da notoriedade. Dizem que os médicos buscam seu ofício por temor à morte; mais ainda o fazem os sacerdotes e, ousaria dizer, mais ainda aqueles que buscam a glória.

Volto ao inspirado predecessor nesta cadeira, Julio Cesar de Mello Souza, o Malba Tahan, que escreveu, em plena saúde, pressentindo sua eminente morte:

“Tenho o pressentimento de que vou morrer de um momento para o outro. E para o caso da minha morte (peço a Deus que seja repentina) – eis o pedido que faço a parentes e amigos:

Desejo ser enterrado em um caixão de 3a classe e quero para mim o enterro mais modesto possível. Não quero coroas. Se alguém por acaso enviar uma coroa, peço que a devolvam com um delicado cartão. Nesse cartão o ofertante será informado do desejo do morto. E ele, o ofertante, que faça da coroa o uso que quiser.

Nada de frases feitas com dedicatória, ou legendas... Acho horrível essa literatura funerária, sem expressão: “Homenagem Eterna”, “Recordação Sincera”, “O último Adeus”, etc. Depois de morto não quero saber de Literatura. Eu disse que aceitaria com prazer as flores. Mas é mera força de expressão. O sentido vulgar do prazer não pode atingir a tranquilidade do Além.

Peço, no entanto, que publiquem nos principais jornais a seguinte nota: “Malba Tahan acaba de morrer e pede, a todos (todes), perdão pelas faltas, ingratidões, erros e injustiças. E pede, pelo amor de Deus, que todes os crentes rezem por ele. Este apelo é dirigido, especialmente, às inúmeras religiosas, pacientes e dedicadas, que foram suas alunas e que ouviram suas aulas.”

E assim, sem almejar notoriedade ou imortalidade, recebo honrosamente esse distintivo de assumir a cadeira 8, legitimado pelas sugestivas palavras de Pessoa: “De buscar ter todos os sonhos do mundo!”

Nilton Bonder